

Agricultura biológica vai ser incentivada

PLANO NACIONAL
É HOJE APRESENTADO

Governo quer
aumentar a área
cultivada para mais do
dobro e quadruplicar os
apoios aos agricultores

ANA FERNANDES

Actualmente, apenas 1174 agricultores fazem agricultura biológica no país, o que coloca Portugal na cauda da Europa. A ideia é que, até final de 2007, este número suba para quase cinco mil. Com o Plano Nacional para o Desenvolvimento da Agricultura Biológica, que hoje é lançado em Lisboa, o Governo vai incentivar o sector de forma a que, dentro de quatro anos, tanto consumidores como agricultores adiram cada vez mais a estes produtos.

A grande meta deste plano é aumentar a área cultivada dos actuais 3,2 por cento para sete por cento até final de 2007. Para o conseguir, são propostas 73 medidas, que vão desde a aposta no aumento da confiança e procura dos consumidores nestes produtos até à revisão dos apoios financeiros a estas culturas, passando pela integração da formação em agricultura biológica nos cursos do ensino superior e do ensino profissional, pela promoção da investigação, pelo estímulo à transformação e pelo apoio à comercialização.

Para o conseguir, o Ministério da Agricultura planeia quadruplicar os apoios financeiros, isto é, passar dos actuais quatro a cinco milhões de euros atribuídos anualmente aos agricultores — através dos programas Agro, Agris e Ruris —, para 20 milhões em 2007.

Para pôr de pé este Plano, será criada a figura de um coordenador nacional, dependente do ministro da Agricultura, cujo nome é hoje anunciado por Sevinete Pinto. Esta era uma das exigências dos agricultores, que se queixam da quantidade de entidades com que têm de lidar.

Poucos legumes, muito pasto

O Plano começa por fazer uma caracterização do sector, onde dá conta da pouca expressão que este modo de produção ainda tem no país. Apenas 0,35 dos agricultores portugueses se dedicam à agricultura biológica. Quanto às culturas, as pastagens ocupam a maior área, com cerca de 45 por cento, seguindo-se as culturas arvenses (cereais, oleaginosas e proteaginosas), com 21, e o olival, com pouco mais de 18. Escasseiam os produtos frescos (horto-frutícolas), que ocupam apenas um por cento do total produzido biologicamente.

A grande fragilidade do sector é de carácter técnico: "Faltam conhecimentos sobre

o que é a agricultura biológica e as suas práticas", afirma António Mantas, da Sativa, uma empresa que faz o controlo e a certificação de produtos. Este técnico faz parte do grupo de trabalho que apresentou as primeiras propostas para o Plano. No diagnóstico feito, assume também importância "a desorganização da cadeia do produto, isto é, não se faz o circuito entre produção, comercialização e transformação".

Os autores da proposta inicial lamentam que, na versão final, se tenham suavizado algumas questões que consideravam cruciais, concretamente sobre os transgénicos, que gostariam de ver mais limitados. "O Ministério da Agricultura apoia todos os modos de produção e ainda não estão definidas as regras de coexistência [dos

transgénicos em relação às outras culturas], pelo que não podíamos ficar limitados já à partida", afirmou Paula Esteves, chefe de gabinete do secretário de Estado do Desenvolvimento Rural. Estas regras vão começar a ser preparadas mas implicam ensaios de campo, testes sobre as distâncias de segurança por causa da contaminação dos pólenes, o que levará o seu tempo.

Das propostas do grupo de trabalho constavam também restrições ao financiamento de actividades agrícolas convencionais em áreas protegidas, o que também não foi aceite pelo ministério.

Os agricultores saúdam a proposta. "Fazia falta", diz Luis Coutinho, da Agridin (Celorico de Basto). Mas não acredita que a área cultivada aumente: "A maior parte dos agricultores

O QUE É A AGRICULTURA BIOLÓGICA

A agricultura biológica é um sistema de produção agrícola (vegetal e animal) que privilegia as práticas de gestão em detrimento dos factores de produção de origem externa. Nesta óptica, os métodos culturais, biológicos e mecânicos são preferidos aos produtos químicos de síntese.

biológicos não o faz por convicção mas sim pelo apoio das medidas agro-ambientais. Com o aumento do controlo, que é necessário, muitos são penalizados e têm de devolver as ajudas, o que leva a desistirem desta prática."

A importância dos apoios financeiros é uma das grandes expectativas dos produtores. Assim como o papel que desempenhará o coordenador, que será a figura-chave da aplicação do Plano, sublinha José Carlos Ferreira, da Agrobio.

"Os urbanos não querem fruta com bichinhos"

Negócio de entregas ao domicílio de legumes e frutas frescas, de agricultura biológica, está em crescimento

ANA FERNANDES

Graça Costa, economista, passou boa parte da sua vida a trabalhar na banca. Ao fim de 20 anos pediu as contas. "Sempre sonhei ter o meu próprio negócio e em conversa com amigos e familiares encontrei um sector onde havia carência de oferta", explica. Hoje distribui ao domicílio cestas de legumes e frutas de origem biológica e a empresa vai de vento em popa.

Em Dezembro de 2000 nasceu a Quintinha, que faz distribuição na área do Porto. "É um privilégio trabalhar num sector onde há carência de oferta, pois o número de consumidores está em expansão." Tanto que, no início, 70 por cento dos produtos que distribuíam eram importados. Hoje, como garantem o escoamento dos produtos — "que é o grande problema dos agricultores" —, já conseguem oferecer aos seus clientes mais frutos e vegetais nacionais. Mas este contributo dos produtores portugueses só assegura metade das vendas: todos os legumes são nacionais e também algumas frutas: os citrinos, os morangos e as cerejas. O resto vem de fora, sobretudo os produtos transformados.

As cestas variam entre os 16,50 euros (cinco quilos) e os 30,50 (dez quilos). As entregas são semanais ou quinzenais.

Graça Costa está neste sector por convicção: "Está-me a dar muito prazer porque só lido com gente interessante e saudável e com produtos bonitos e harmoniosos." A economista sublinha os encantos da agricultura biológica: "Nas quintas, todo o espaço fala de harmonia, tudo faz sentido, nada tem grandes dimensões e a paisagem está sempre em mudança, porque as culturas são rotativas."

Aposta nas espécies nacionais

Também por convicção, Luisa Silva fez o mesmo percurso. Mas com uma filosofia diferente. Em Dezembro de 2003, esta engenheira informática criou a empresa Verduras Campestres, também na área do Porto, para tentar "recuperar as frutas e legumes nacionais". A sua aposta inicial era a agricultura que ainda investia nas espécies portuguesas. Mas como o seu primeiro objectivo é a qualidade, acabou por se circunscrever

aos agricultores biológicos, que estão certificados.

"Sempre me fez impressão que Portugal não desse atenção à sua agricultura", explica Luisa Silva. E, sobretudo que esquecesse a riqueza que possui: "Nos hipermercado encontram-se quatro ou cinco variedades de maçã mas n. país existem 26", realça. "Não se trata de nacionalismos mas sim uma aposta numa diferenciação de sabores."

O primeiro passo foi encontrar um técnico que percorresse o país à procura de raridades. Contactaram o agricultores e começaram a trabalhar com uma exigência principal: "Os produtos têm de chegar com o orvalho da manhã."

Mas depressa se aperceberam que tinham de refinar a oferta: "Os urbanos não querem bichinhos." Assim, eliminaram "alguns produtos, que apesar de saborosos, tinham mau aspecto". Hoje os agricultores escolhem o melhor entre os seus produtos, o que acaba por encarecer o serviço. "Mas isto é uma boutique, par 'gourmets'..."

Apesar desta afirmação, Luisa Silva sublinha que o seu clientes vêm de todas as classes sociais. "Temos famílias em bairros sociais que como não têm posses, apenas encomendam cestas quinzenalmente." Os cestos custar 19 euros e têm entre sete a dez variedades.

Enquanto as duas empresas do Porto falam numa expansão crescente, a Urze, que funciona em Alcochete, traça um cenário mais pessimista. Formada em 1992 por agricultores biológicos, a sociedade lançou-se na distribuição ao domicílio em 1999. Conseguiram uma boa carteira de clientes mas as coisas começaram a piorar.

Como perderam o seu distribuidor, as cestas são entregues pelo correio, o que fez diminuir a clientela. Mas o problema não é só esse: "Os clientes dizem que é sempre a mesma coisa: nós tentamos colocar sempre produtos para fazer uma sopa ou um cozido mas, de facto, acaba por ser repetitivo para quem recebe todas as semanas", esclarece Joaquim Alve gerente da Urze.

Trabalham com os agricultores sócios da Urze e também com outros, desde que certificados. Mas necessitam de ir portar para cobrir a procura. Porém, este tipo de distribuição "não dá lucro nenhum" é por isso que a grande aposta continua a ser a colocação de produtos em hipermercado. As cestas variam entre os 18, e os 25 euros. ■



OBJECTIVOS DO PLANO

- Aumentar a superfície agrícola utilizada dos actuais 3,2 por cento (120.000 ha) para 7 por cento (260.000 ha) no final de 2007
- Aumentar a percentagem do número de agricultores aderentes ao modo de produção biológico dos actuais 0,25 por cento (1174) para um por cento (4700) no final de 2007
- Aumentar a quota dos produtos de agricultura biológica no mercado dos produtos alimentares
- Alargar o número de culturas em modo de produção biológico, com aumento da

produção dos sectores menos desenvolvidos, em especial as culturas horticolas, os frutos frescos e a vinha

- Aumentar o número de empresas de acondicionamento, transformação e distribuição, alargando o tipo e a quantidade dos produtos processados
- Reduzir os custos e os preços finais dos produtos de agricultura biológica, melhorando assim as condições de acesso dos consumidores a este tipo de produtos

Onde procurar

A aquisição de produtos biológicos é possível nas várias lojas existentes pelo país. As empresas de distribuição ao domicílio mencionadas no artigo estão disponíveis em www.verdurascampestres.pt, www.quintinha.com e www.urzebiologica.com.